

# PLANO GERAL DE FORMAÇÃO (PGF) 2023

## Catequese

# 4



# 4 A formação passionista em contexto de pós-modernidade

*P. Ademir Guedes Azevedo, C.P.*

Formar para anunciar a memória passionista em qual mundo? Em qual contexto as sociedades se situam? Os formadores põem os jovens diante da complexidade do mundo hodierno? Ou basta estarmos, psicologicamente, tranquilos e conformados com o status quo que herdamos do passado? Qual é a linguagem e o estilo a serem usados para traduzir a riqueza do carisma nestes 300 anos de existência? Em que consiste este mundo e qual o perfil do passionista para ele? Aqui é apenas uma tentativa muito tímida, mas quem sabe pode abrir uma janela para ventilar novos ventos nas casas de formação.

O filósofo francês Jean-François Lyotard (1924-1998) em 1979 publicava uma importante obra, *La Condition Postmoderne*, a qual trouxe um marco histórico para o pensamento ocidental: ela problematizou, filosoficamente, o conceito de «pós-modernidade». Lyotard entende que as sociedades atuais não são mais legitimadas com o mesmo estatuto epistemológico que se usava na modernidade. Segundo Perry Anderson, a modernidade foi legitimada por dois metarrelatos, a saber: o primeiro deriva da Revolução Francesa e visava colocar a humanidade como agente de sua própria liberdade à medida que esta cresce em conhecimento.

Razão e liberdade, portanto, caminham de mão dadas; o segundo metarrelato consiste no idealismo alemão, o qual via o espírito como progressiva revelação da verdade<sup>1</sup>.



São estes os dois principais metarrelatos que legitimavam o discurso da modernidade.

No entanto, a obra de Lyotard analisa justamente a crise de tais metarrelatos, pois existe uma nova linguagem de legitimação para as sociedades pós-industriais que condicionaram um estilo de vida não mais homogêneo, mas heterogêneo; não mais universal, mas contingente; não mais totalitário, mas plástico e fluido<sup>2</sup>; um discurso que nasce das diversas culturas e não de uma única

<sup>1</sup> Cf. Anderson, P., *As origens da pós-modernidade*, 32.

<sup>2</sup> Cf. Harvey, D., *Condição pós-moderna*, 17.

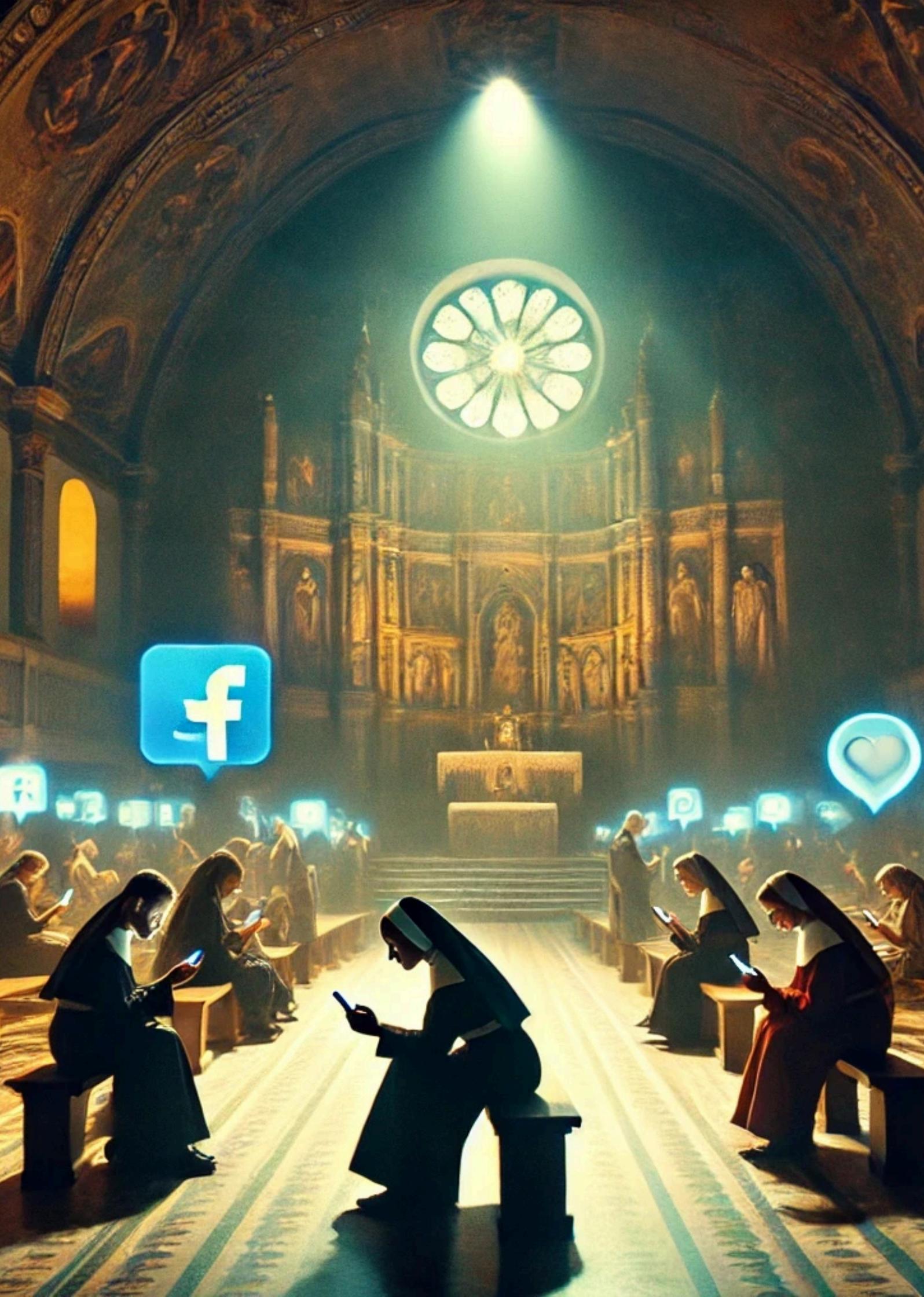


Cultura; enfim, a nova configuração social da existência nas sociedades pós-industriais em que vivemos apresentam um novo estilo de vida que está destinado a caminhar nas pegadas do pós-modernismo, o qual se recusa a aceitar a antiga forma de vida que a razão moderna sonhava para o Ocidente. Acerca disso, Lyotard afirma o seguinte: «[...] considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos metarrelatos [...]. Ao desuso do dispositivo metanarrativo de legitimação corresponde sobretudo a crise da

filosofia metafísica e a da instituição universitária que dela dependia»<sup>3</sup>.

A metafísica, como modelo universal de pensamento, ocupou por séculos a formação religiosa e sacerdotal. Esta forma dedutiva de pensar pretendia solucionar todos os problemas da existência: política, economia, ética, educação, inclusive o discurso da fé não poderia escapar de suas regras. A metafísica é a mãe de todas as ciências, ela comanda e abarca tudo. Fora dela existe o

<sup>3</sup> Lyotard, J-F., *A condição pós-moderna*, 15.



não pensável, o nada. O ser é metafísica. A linguagem para falar de Deus é a metafísica. Mas, é exatamente este patrimônio cultural que se torna o alvo predileto das críticas da pós-modernidade.

A própria razão ocidental tratou de expor a crítica metafísica a partir de várias perspectivas. Veja-se, por exemplo, aquilo que Nietzsche (1844-1900) diz em seu *Zaratustra*: «eu vos exorto meus irmãos! Permanecei fieis à terra e não acrediteis naqueles que falam de esperanças supraterrêneas. São envenenadores, quer o saibam ou não!»<sup>4</sup>.

O pós-moderno se sente desconfortável com discursos totalitários e homogêneos que pretendem oferecer uma resposta única para a dolorosa e complexa existência humana, golpeada por múltiplos e diferentes problemas. Aqui está o desafio para a formação: conviver com a «complexidade»<sup>5</sup> sem agredi-la com um metarrelato indiferente ao mundo da vida.

Os passionistas nasceram em contexto de modernidade. A formação era legitimada por estes metarrelatos, sobretudo aqueles de origem escolástica. O ambiente, marcado por forte contestação do ateísmo, panteísmo, deísmo era enfrentado por uma apologética poderosa e eficiente para aquela época<sup>6</sup>. Nada poderia escapar das sentenças metafísicas das encíclicas dos grandes papas. Nunca o depósito da fé foi tão bem guardado e defendido.

Pois bem, a questão agora que se põe é outra totalmente diferente: o mundo se despediu dos metarrelatos, eles são apenas um patrimônio precioso de uma época passada. Agora vivemos no reino do pós-moderno. O Ocidente criou um sistema de comunicação onde cada um é livre para tomar a palavra e dizer o que pensa. São os meios de comunicação digital que legitimam a pós-modernidade. Quem poderá resistir aos fascínio das redes sociais e dos aplicativos



mensageiros? Os conventos e casas de formação ganharam nova luz com os celulares que nos conectam com as pessoas e ocupam a maior parte do tempo dos religiosos.

Não é mais a razão moderna quem controla, mas é a liberdade individual que dá asas a imaginação dos religiosos que, graças as novas formas de tecnologias, podem conhecer outros mundos e novas experiências, mesmo que seja a distância. O novo modo de legitimar a vida na pós-modernidade faz a sociedade ser mais «transparente»<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> Nietzsche, F., *Assim falava Zaratustra*, 18.

<sup>5</sup> Cf. Morin, E., *La sfida della complessità*, 27.

<sup>6</sup> Sullo sviluppo dell'apologetica e su come la teologia ha reagito ai problemi dell'incredulità nell'età moderna cf. Libanio, J., *A revelação na modernidade*, 33-37.

<sup>7</sup> Cf. Vattimo, G., *A sociedade transparente*, 10.

Se a modernidade era regida por uma gramática racional, marcada por categorias fortes, a pós-modernidade é formada pelos vários «jogos de linguagem», os quais só podem ser interpretados através de suas histórias contextuais. A pós-modernidade é legitimada por um pensiero debole<sup>8</sup>, no qual contam as várias formas de interpretar a vida em seus inúmeros estilos.

Qual é o caminho para a formação? Indicar um específico é um ato moderno, seria dar um passo atrás. É melhor pensar nos caminhos a serem percorridos. Pode parecer uma ameaça a vida passionista esta nova forma de habitar o mundo, pois a fluidez e a rapidez acabam pondo em crise os projetos que estamos acostumados a elaborar a longo prazo.

**“A pós-modernidade é terreno fértil para se viver como passionista”**



No entanto, toda a complexidade do mundo pós-moderno consiste em um daqueles sinais dos tempos que diz algo a nosso favor: chegamos a uma época histórica na qual o conteúdo do nosso carisma encontra terra fértil. A pós-modernidade é terreno fértil para se viver como passionista. Mas como? Em que sentido?

A hipótese aqui é a seguinte: o novo estatuto que legitima o estilo pós-moderno não é indiferente a mensagem do Crucificado.

Este estatuto, conforme já foi explicado, é sustentado pela fragilidade dos seus conceitos e a fluidez de seu sentido. Ele não pode ser capturado dentro de uma totalidade racional, pelo contrário, obedece a uma fragilidade na qual por si só já fala a língua dos contemporâneos da pós-modernidade. Não é uma explicação meramente racional que está em jogo, mas é a fragilidade do Crucificado que transparece na forma de vida do passionista que habita esta época histórica.

A mensagem da cruz é o estatuto que legitima o ser passionista neste contexto de pós-modernidade, pois ela não se anuncia com categorias fortes. Ela é, desde sempre, um escândalo e uma loucura (cf. 1 Cor 1,23). O próprio Crucificado esteve a mercê dos poderosos, não reagiu com violência, pelo contrário, optou pela fragilidade através de sua kenosis. Recolheu toda a sua amargura e sofrimento em um grito, no qual questiona o Pai pela seu abandono (cf. Mc 15, 34). Não escolheu a forma de vida que lhe faria superior aos outros.

Ele renunciou a tentação do poder, cingindo-se com o avental do serviço (cf. Jo 13,4). Em tudo, o Crucificado viveu a sua condição a partir da lógica da fragilidade: compaixão, ternura, acolhida, escuta, tocando as feridas, comovendo-se com o sofrimento. Este modo de habitar a história não diz muito ao nosso mundo pós-moderno, no qual conta mais a radicalidade do testemunho que discursos abstratos?

passio

É possível uma formação passionista sem cair na armadilha da abstração que não toca a realidade? Pode a formação ser plural, assumir a perspectiva de jogos linguísticos, nos quais emerge os vários estilos de vida passionista já presentes nas culturas dos continentes onde estamos? Tais estilos já assumiram um estatuto epistemológico no próprio modo de conceber a vida passionista?

A complexidade da vida não se responde mais com a objetividade metafísica, mas no modo frágil de ser passionista, o qual faz transparecer o escândalo do Crucificado nas diversas culturas onde os passionistas se fazem presentes. ✝

É brasileiro, nascido aos 29/05/1987, no estado da Paraíba.

Fez sua profissão religiosa na Congregação Passionista aos 08/01/2012.  
Ordenado sacerdote em 09/01/2016.

Fez a licença em Teologia fundamental na Gregoriana e a atualmente é doutorando na mesma Pontifícia.

Pertence a Província Getsêmani, São Paulo/Brasil.

**P. Ademir Guedes Azevedo, C.P.**



**"Eis-me aqui,  
envia-me"**



**A Paixão  
de Cristo:**

**nossa fonte  
de vida  
e missão**

# **48° CAPÍTULO GERAL**